



diferença. Não se tratou, portanto, de fazer desfilar diferentes modos de ler em torno do mesmo sentido, e sim de deixar surgir diferentes sentidos em função de diferentes modos de ler” (p. 8).

Que espectros são estes, os de Michel Foucault? – pergunto. Diferentes sentidos, e modos de ler, de que se trata? Por onde entra o assombro de Foucault? Por onde incide? São vários caminhos, entradas, por certo. Enfatizo algumas, daqui em diante.

Em alguns ensaios, como os de Joel Birman (UFRJ) e Sandra Caponi (Unicamp), o Foucault enfatizado é aquele que desconstrói os discurso da psiquiatria, mostrando justamente como foram construídos em algumas localizações da história. Birman procura rastrear as maneiras como a problemática da psicanálise, e seus discursos, aparece em grande parte da obra de Foucault, partindo de um contraponto com Derrida e relacionando-a, principalmente, com as teorias do sujeito. Já Sandra Caponi investiga *O poder psiquiátrico*, curso ditado por Foucault nos anos de 1973-1974, em sua descontinuidade com o projeto foucaultiano anterior, o arqueológico. Para Caponi, tal curso marca a trajetória do filósofo no que diz respeito ao início de seu projeto genealógico, que se inicia, ou se enuncia, com as teses de *Vigiar e Punir* (1979). Para a autora, “[...] a

sua preocupação aqui [a de Foucault, em *O poder psiquiátrico*] não será a representação ou as percepções da loucura que reenviam necessariamente a uma história das mentalidades, do pensamento, mas a tentativa de observar os dispositivos de poder” (p. 84).

Mas se os discursos sobre a loucura interessaram Foucault no que se refere às suas investigações das sociedades disciplinares, os discursos da loucura, ou o que há de loucura na linguagem, também interessaram o filósofo, em algum momento de sua trajetória, como possibilidade de pensar o *fora*, isto é, o estatuto da *exterioridade* da linguagem mesma.

Na esteira da loucura, portanto, sublinho outros ensaios, os de Ítalo Tronca (Unicamp) e Tony Hara, que, de diferentes modos, sugerem um possível diálogo, sempre tenso, entre razão e des-razão, entre conhecimento e delírio, tentando apontar o pensamento para além dos limites da racionalidade e seu aprisionamento. Se Ítalo Tronca parte da perspectiva “delirante” (p. 51) da linguagem, enfatizada por Foucault na *História da Loucura*, para historicizar algumas narrativas sobre a lepra e a AIDS, Tony Hara centra sua discussão na possibilidade de perceber a atividade filosófica e também a prática histórica como “descaminho” (p. 71) e “deslocamento incessante” (p. 73). Cito um

fragmento do texto de Hara: “O que as pesquisas de Foucault sugerem é a experimentação, no pensamento, não só da parte amaldiçoada, negada, esquecida pelos homens da terra firme, como também o deslocamento, o movimento e a avaliação da própria produção de verdade desse continente da razão a partir de um ângulo novo, de uma nova perspectiva, inquieta e infinita como o mar” (p. 72).

Jorge Larrosa (Barcelona), por sua vez, compreende que o pensamento só pode estar colado à própria experiência e ao ato mesmo de escritura e que, portanto, ensaiar pressupõe também se ensaiar, e se re-ensaiar em outro, incessantemente. Nesse sentido, logo nas primeiras linhas, Larrosa diz: “[...] hacer un balance de lo que hay de ‘vivo’ en la obra do Foucault supone un balance de lo que hay ‘vivo’ en nosotros: en nuestras palabras, en nuestras ideas, en nuestra forma de escribir y de leer, en nuestra forma de pensar [...]” (p. 127). É o Foucault das tecnologias de si e das artes da existência que

aparece nessas palavras, seu fantasma – aquele que, como lembra Eni Orlandi, “teceu uma outra relação do pensamento com a ação, mais perturbadora talvez: um ceticismo engajado” (p. 70).

Foucault aparece, por fim, como espectro dos anos oitenta, no ensaio de “evocação e invocação” (p. 111) biográfica, escrito por Ítalo Moriconi (UERJ). Num texto que toca o autobiográfico, a escrita de si, Moriconi interpela o que chama de último Foucault, para romantizar a história da formação intelectual de uma juventude pós-marxista, a de 80. Diz o autor: “Interpelar a vida de Foucault, romantizar Foucault, é fazer a história de uma formação, uma autoformação. Meus espectros, meus espelhos” (p. 112). Foucault aparece, aqui, e talvez em todos os ensaios, como na própria metáfora, ditada no curso *Hermenêutica do sujeito*: um pião, para girar com potência, precisa de uma força que o arremesse, de um impulso – justamente esta força é o espectro de Foucault: pensamento-arremesso.